

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 3 Setembro - Dezembro 2025

RESUMO

POR UMA ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA: BRINCADEIRAS, JOGOS E APRENDIZAGENS NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DAS CRIANÇAS NOS SÉCULOS XIX E XX

Daniela Maria Alves*

Nesta tese, Alves (2024) abordou o tema da arqueologia da infância respaldando-se em três pilares: cultura material associada às crianças, identificada em cinco coleções; documentos escritos e iconográficos relativos às espacialidades e temporalidades do material arqueológico.

Essas coleções referiram-se aos sítios Antigo Convento do Carmo, localizado no Rio de Janeiro (cuja coleção encontra-se salvaguardada no Instituto de Arqueologia Brasileira – Belford Roxo/RJ); Praça das Artes e Sítio do Capão, em São Paulo (cuja coleção encontram-se no Centro de Arqueologia de São Paulo – São Paulo/SP); Solar da Travessa Paraíso e Praça Brigadeiro Sampaio, em Porto Alegre (cuja coleção encontram-se no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo – Porto Alegre/RS), atravessando os séculos XIX e XX.

Estabeleceu uma problemática a partir de duas questões: como as crianças aprendiam pelo brincar? Como os relacionamentos influenciaram as aprendizagens das crianças? Para respondê-las, adotou-se o conceito de aprendizagem situada, sob o título de participação periférica legitimada, dos autores Lave e Wenger (1991) e Lave (2019). Os trabalhos de Evaldsson e Corsaro (1998) e Vigotski (2010) foram utilizados como referenciais de apoio: o primeiro, na concepção do brincar como atividade situada, e o segundo, utilizado também para classificar as brincadeiras das crianças.

O Sítio do Capão, um dos contextos analisados, compreende um casarão, edificações anexas, além de amplo espaço externo com área verde (Zanettini Arqueologia, 2003; Zanettini, 2005). Está situado à avenida Regente Feijó, 1295, Jardim Anália Franco, São Paulo. À época das obras de restauro, iniciadas em 1999, conjuntamente às pesquisas arqueológicas, foram coletados inúmeros artefatos e identificados distintos momentos de ocupação. Como recorte temporal, estabeleceu-se o século XX, entre os anos de 1911 a 1997, período no qual o local foi ocupado por crianças órfãs e em situação de pobreza. Nas primeiras décadas nos Novecentos, a instituição esteve sob direção de Anália Franco,

* Doutora e mestra em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. E-mail: danymalves@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6213-7630>.

importante figura nas vidas das crianças que viveram na Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas, mais tarde chamada de Internato Anália Franco.

A cultura material associada às crianças englobou 61 artefatos, sendo 60 brinquedos e 1 chinelo havaianas. Alguns deles referiram-se às primeiras décadas do século XX, enquanto a maioria relacionava-se às últimas décadas dos Novecentos, sendo coletados em superfície.

Segundo Vigotski (2010), os brinquedos foram classificados em brincadeiras de imaginação e jogos de regras. Os brinquedos relacionados às brincadeiras de imaginação contemplaram: 2 cabeças de bonecos/bonecas; 2 xícaras em plástico; 1 cabo de espada em plástico; 1 arma de fogo em metal; 1 estilingue em madeira; 1 pedaço de couro (parte do estilingue); 1 ave em cerâmica, 1 peixe em plástico; 1 coelho em plástico; 1 mecanismo para caixinha de música em metal; 1 instrumento de sopro em plástico; 1 roda de carrinho em plástico.

Os brinquedos relativos aos jogos de regras compreenderam: 32 bolinhas de gude em vidro; 3 piões; 2 peças circulares com faces planas em cerâmica; 1 bolinha lítica; 1 bolinha em cerâmica; 1 bolinha plástica; 1 dado em plástico, contendo figuras e letras; 1 peça de jogo de dominó em plástico; 1 peça plástica para jogo de loto; 1 rocha em formato circular com faces planas; 1 bola de borracha; 1 bilboquê em madeira.

Para desvelar os modos pelos quais as crianças aprenderam no passado e como as relações mais próximas influenciaram suas aprendizagens, as análises voltaram-se para as crianças envolvidas nas práticas diárias do brincar, em suas comunidades de prática. A documentação escrita e iconográfica também ofereceu outras possibilidades de análises dos modos de aprendizagem. Os relacionamentos se deram entre as crianças, com professores, cuidadores, entre outros adultos. Essas relações envolveram aspectos de cuidados com as necessidades básicas humanas, tais como higiene do corpo, dos dentes, alimentação, necessidades afetivas, educacionais e de lazer.

Entre a documentação escrita, a memória literária legada por Maria Cândida Silveira Barros (1982) revelou particularidades de sua infância e adolescência durante os primeiros anos do século XX, vivenciados na instituição. Nesse tempo, a menina explorou a natureza nas aulas de Biologia, participou nas tarefas domésticas, como na lavagem das roupas; ademais, era uma das integrantes do Grupo-Dramático Musical, que realizava apresentações de música e teatro, recebendo remuneração, que, por sua vez, era utilizada no pagamento das despesas da entidade. De acordo com Lave e Wenger (1991), no início, em sua chegada, a posição periférica lhe fortaleceu e paulatinamente, conforme ensaiava para as peças teatrais e participava das aulas e oficinas, sentia-se confiante, colaboradora em uma causa social grandiosa. O engajamento em diferentes atividades, a possibilidade de conviver com muitas crianças e adultos propiciaram-lhe um sentimento de pertencimento.

Assim, sugeriu-se que as crianças aprendiam em suas práticas diárias por cooperação, isto é, todos envolvidos e comprometidos para viver melhor dentro do espaço da colônia e, ao mesmo tempo, adquirir competências para ter possibilidade de viver melhor no futuro.

Quanto ao período mais recente, a variedade de brinquedos identificados em superfície revelou que as crianças tiveram acesso a esses objetos. Julgou-se que os brinquedos fossem utilizados de modo espontâneo e/ou como recurso pedagógico pelos professores, isto é, com a finalidade de desenvolver aprendizagem de conteúdos específicos, como leitura, escrita, numerais, raciocínio lógico. O dado com figuras e letras, as peças para jogo de loto e de dominó se enquadram nessa perspectiva.

Estudos recentes mostraram que as brincadeiras de imaginação das crianças não são imitações das realidades por elas vivenciadas. Brinquedos e pares envolvidos no processo

desencadearam novos personagens, novas atitudes e novas situações imaginárias. Ao mesmo tempo, os brinquedos não foram condicionadores das brincadeiras, agiram como impulsionadores da capacidade imaginativa das crianças. Qualquer objeto poderia servir como suporte para as brincadeiras, como propôs Vigotski (2010). A partir dessas interações, os brinquedos foram compartilhados, tornaram-se motivos de disputas e muitas vezes de agressões. Foram razões para choros, risadas e toda sorte de emoções. Essas emoções geradas nas brincadeiras certamente foram fundamentais para o processo de aprendizagem. A pesquisa de Filocreão (2013), por exemplo, realizada com crianças que viviam em uma entidade, ressaltou que as crianças que vivenciaram situações conturbadas em suas famílias representaram situações diversas nas brincadeiras, ativaram memórias de experiências boas e ruins, além de encenarem sobre histórias que ouviam ou viam na televisão ou dos professores e das vivências na instituição.

Para os jogos de regras, provavelmente os mais complexos, como o das bolinhas de gude, seriam mais atrativos para as crianças maiores. As crianças mais novas mostraram grande interesse pelas bolinhas, todavia, as brincadeiras estavam associadas à imaginação, como ilustrou Piaget (1994). O objetivo do jogo era principalmente ganhar mais bolinhas ou conseguir bolinhas especiais, como mostrou um estudo de Carvalho (1988). No jogo do dominó, Nasir (2005) observou que as crianças no ensino médio, que praticavam diariamente o jogo, reconheciam-se como jogadores competentes, tinham consciência da participação plena no jogo e ofereciam ajuda aos iniciantes, que se encontravam em posição periférica. O conhecimento acumulado ao longo das práticas fortalecia a aprendizagem, as relações entre os pares e o sentimento de pertencimento a uma comunidade. No estudo de Santos e Alves (2000), o jogo do dominó foi apresentado por um adulto no ambiente escolar, que possuía propósitos específicos. À medida que as crianças se engajaram nas práticas regulares com os pares, acumularam conhecimentos que os auxiliaram a encarar os desafios dos dominós mais complexos. As pesquisas de Giglio *et al.* (2008) e Faria (2008) demonstraram que, mesmo o jogo de futebol sendo parte da cultura brasileira, as crianças precisariam ter acesso à materialidade necessária para o desenrolar do jogo e necessitariam praticar para aprimorar habilidades. Giglio *et al.* (2008) ponderou que a predisposição para o futebol (chamado de dom) não implicaria na não aprendizagem, o contrário ocorreria: a aprendizagem diária por meio dos treinos geraria o aprimoramento das habilidades no jogo.

Como argumento, propôs-se que as brincadeiras de imaginação das crianças tenham se constituído como modos de aprendizagens, métodos eficientes de entender e agir em diferentes condições. A imaginação se desenvolveria por estar presente nas brincadeiras rotineiras das crianças e, sincronicamente, as brincadeiras ganhariam novas perspectivas devido à capacidade imaginativa. Os jogos de regras também teriam se constituído como modos de aprendizagens a partir dos quais as crianças aprenderam à medida que praticavam, adquiriam e aprimoravam suas habilidades.

Quanto às relações vivenciadas pelas crianças nas comunidades de prática que poderiam influenciá-las em suas aprendizagens, a entidade vivenciou um período de relativa estabilidade sob a direção de Anália Franco entre os anos de 1911 a 1919. Nesse tempo, as informações de Barros (1982) revelaram especificidades de sua infância e adolescência e demonstraram o vínculo afetivo com o ambiente e com as pessoas, denotando Anália Franco como figura relevante na condução das relações entre as crianças e demais pessoas que tinham a colônia como morada. A educadora fomentou formas de acesso a diferentes atividades, por meio das aulas de música, de canto, das diversas oficinas e do brincar. As meninas mais velhas, inclusive, puderam colaborar

para a manutenção da instituição e da própria subsistência, pois excursionavam pelas cidades, se apresentavam nos palcos dos teatros, recebendo pagamentos.

Sugeriu-se, ainda, que as ideias que circularam durante o século XX sobre crianças e infâncias influenciaram diretamente as aprendizagens das crianças na entidade. A partir do texto de Barros (1982), notou-se sua participação plena naquela comunidade e seu contentamento por colaborar com a própria subsistência e com Anália Franco em uma causa social. Nesse cenário, percebeu-se que a condição social influenciou as aprendizagens da menina, porque ao mesmo tempo que a questão do trabalho atravessava o ideário de infância para as crianças pobres, ela própria sentia-se feliz ao cooperar para seu sustento e para a manutenção da entidade. Para a sociedade paulistana, as crianças vivenciavam uma infância satisfatória na colônia, pois ali eram alfabetizadas, tinham aula de moral e, além disso, aprendiam ofícios que lhes garantiriam um futuro para o trabalho. Logo, as meninas que, durante alguns anos, apresentaram seus talentos em diversos palcos, certamente eram reconhecidas como pessoas úteis e não como fardo para a sociedade.

Para o período mais recente, aventou-se ainda que os acordos internacionais e, particularmente, a legislação brasileira para proteção das crianças e de suas infâncias tenham influenciado nas maneiras de aprender.

Segundo Marcílio (1998), diversos acordos internacionais foram efetuados para fomentar e consolidar os direitos das crianças no transcorrer do século XX. Lillehammer (2018) já havia assinalado sobre o Ano Internacional da Criança, declarado pela Organização das Nações Unidas, em 1979. Contudo, para Marcílio, o mais emblemático teria sido conciliado em 1989: a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, ratificada por 196 países, inclusive pelo Brasil. Na mesma linha, deu-se, no país, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). No artigo 16, inciso IV, a lei dispôs sobre o direito à liberdade, compreendendo aspectos como brincar, praticar esportes e divertir-se; enquanto o art. 53 dispôs sobre o direito à educação.

Ressaltou-se, finalmente, que o engajamento das crianças em múltiplas atividades, combinados aos relacionamentos mais próximos, estabelecidos com outras crianças e com adultos, influenciou significativamente as aprendizagens infantis, em uma relação de interdependência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Daniela Maria. *Por uma arqueologia da infância: brincadeiras, jogos e aprendizagens nas práticas cotidianas das crianças nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- BARROS, Maria Cândida Silveira. *Vida e obra de Anália Franco 1856-1919*. São Paulo: Codipart Ltda, 1982.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 14 ago. 2025.
- CARVALHO, José Jorge de. O jogo das bolinhas. Uma simbólica da masculinidade. *Anuário Antropológico*, v. 12, n. 1, p. 191-222, 1988.
- EVALDSSON, Ann-Carita; CORSARO, William A. Play and games in the peer cultures of preschool and preadolescent children. An interpretative approach. *Childhood*, v. 5, n. 4, p. 377-402, 1998.
- FARIA, Eliene Lopes. *A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

- FILOCREÃO, Camila Lima. *Brincadeiras simbólicas em situação estruturada de crianças em acolhimento institucional*. Dissertação (Mestrado em Ecoetologia) – Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- GIGLIO, Sérgio Settani *et al.* O dom de jogar bola. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 67-84, 2008.
- LAVE, Jean. *Learning and everyday life*. Access, participation, and changing practice. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2019.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning*. Legitimate peripheral participation. New York (US): Cambridge University Press, 1991.
- LILLEHAMMER, Grete. Uma criança nasce. O mundo da criança em uma perspectiva arqueológica. Tradução Fernanda Neubauer. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 2, p. 14-34, 2018.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. A lenta construção dos direitos da criança brasileira. Século XX. *Revista USP*, v. 37, p. 46-57, 1998.
- NASIR, Na'ilah Suad. Individual cognitive structuring and the sociocultural context: strategy shifts in the game of dominoes. *The Journal of the Learning Sciences*, v. 14, n. 1, p. 5-34, 2005.
- PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.
- SANTOS, José Guilherme Wady; ALVES, José Moisés. O jogo de dominó como contexto interativo para construção de conhecimentos por pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, 383-390, 2000.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Prospecções arqueológicas no sítio do Capão, município de São Paulo*. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2003. Relatório Técnico.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.